



"Sem título", por Guerra Tapuío.

"Esta é uma obra que começa a minha nova coleção tratando da questão indígena e como o indígena que teve que se adaptar a diversas violências de epistemiocídio. A coleção está em processo de construção".

folha A4
impressão
xilogravura.
2023

O que é

por Potyra Krykati Guajajara [2]

ANCESTRALIDADE

Zane Ku'em, eu sou Potyra Guajajara,

e é importante eu estar neste momento de falar um pouco sobre ancestralidade. É bem profundo isso, porque traz os mais velhos e a história dos mais velhos também, que trazem pra gente toda a história da ancestralidade. Fala sobre a gente, fala sobre os mais velhos, fala sobre os jovens, fala sobre as crianças, fala sobre a parteira, fala sobre o pajé, tudo isso é da nossa ancestralidade, né?

Estou desde 2006 aqui na Aldeia Marakana, na luta, e a nossa defesa ainda é por nossa cultura, que é diversa, e também a gente fala um pouco das plantas medicinais, que é muito importante a gente não esquecer que a ancestralidade também faz parte da terra, faz parte da planta que a gente colhe, que a gente come. Que as plantas medicinais é o que cura, que faz toda cura da gente. Antes não existia farmácia, então a gente era curado através das plantas. E as plantas é que, até hoje, pra mim, pros mais velhos *tamui*, pros caciques, pras benzedoras, é o que ainda existe, mesmo com o apagamento da nossa memória. E aí, essa ancestralidade das plantas, quando eu falo, é isso, a gente sempre quando fala de ancestralidade, a gente fala do espaço, também, que a gente vive, que é muito espiritual. É um espaço que é importante pra nós todos, não só pra nós indígenas, é a nossa história que está aqui viva.

2 Esta é a transcrição da fala de Potyra Guajajara em um encontro feito na Aldeia Marakanã, no dia 21 de março de 2023, pela manhã.

Foto: Potyra na Aldeia Marakana, em suas atividades de cuidados das plantas e produção de medicinas



Mesmo querendo apagar nossa memória, nós já temos filhos, filhos nascidos aqui. Muitas crianças. São mais de 14 crianças e essa ancestralidade faz parte disso. A criança também é uma ancestralidade que vem, que diz “eu sou daqui, eu nunca saí daqui”. Então, mesmo a gente indo, porque a gente não vai ficar pra sempre, a minha filha e as outras crianças que nasceram, elas nasceram aqui, então a ancestralidade deles está aqui no local, nunca saiu daqui. E aí não tem como a pessoa dizer “vai! volta pra floresta!” que é a Amazônia. A Amazônia é aqui, também. Então a nossa ancestralidade está aqui. E é o tempo todo dizendo que a gente não está onde a gente está. Mas a ancestralidade da gente traz a gente. Não é à toa que eu estou aqui. Eu não sei porque eu vim, não sei porque eu tô aqui, só sei que é espiritual. Então é minha ancestralidade. Ancestralidade é muito importante. É de defesa do local.

Eu passei por SESAC, que é a primeira resistência indígena, que é no Alemão, na subida do Alemão, e aí eu falei: aqui tem uma história. A ancestralidade está por aqui. O nome das ruas nas comunidades, tinha a ver. A primeira rua pra subir pro final do Alemão é Maracá. Olha só! E aí as pessoas chegavam e perguntavam: por que essa rua é Maracá? Vocês botaram o nome na rua? Não. É porque nossos ancestrais já passaram por ali, né? Então a rua Maracá não é à toa. Os ancestrais já estiveram naquele local. Então, por isso, tinha uma defesa que a gente não entendia, que não entende, mas traz a gente até o local. Que é mais forte que a gente.

Meu tio é um pajé, e aí quando eu cheguei, ele falou assim “você tem uma missão”. E eu falei: ‘missão?, o que é isso, missão?’ Eu não entendia. Mas a missão é estar aqui. A ancestralidade tá cuidando do local, tá preservando onde precisa. E são vários grupos aqui.

O Zé, o Urutau, quando ele estava na árvore [3] não era o Urutau, era Cauieré. Cauieré é uma ancestralidade que já foi, assassinado, mas ele entra no corpo, porque ele salva vidas. Ele pode salvar, que ninguém vê. Isso é mais forte do que a gente, porque quando a gente passa por várias coisas que não veem a gente, a ancestralidade está em cima da gente, está cuidando.

Eu acredito que muitas coisas eu passei e não aconteceu nada tão grave porque a gente tem essa ancestralidade muito forte do local, dos avós, dos tataravós, que são indígenas, e que nunca vão sair da gente. Então eles cuidam da gente, mesmo eles não estando aqui, mas eles estão pelos pássaros, pelas árvores.. Tudo que habita na floresta são eles que estão lá cuidando. São as borboletas, são as árvores que se movem, a água que cura, que se bebe. É muito importante a gente cuidar da floresta, cuidar do rio, cuidar da terra, pois são a nossa cura.

O respeito um com o outro eu acho importante também. Pra você respeitar a cultura do outro, a gente tem que conhecer e quando você não conhece você não respeita, então a gente gostaria muito que respeitassem a nossa cultura, porque a gente respeita a dos outros. A gente nunca vai fazer uma oca em cima de um cemitério de não indígenas, porque a gente respeita. Mas fazemos em cima do nosso, dos nossos ancestrais.

Essa luta nunca parou, de a ancestralidade dizer “você tendo um lugar, vocês precisam lutar por isso”. E a luta continua por isso. Porque a gente tem que estar livre. Livre nas florestas, livre na terra, livre no ar que respiramos. Acho que todos tinham que ter essa noção de que a natureza, o ar, tudo que respira, a gente tem que estar defendendo tudo isso. Toda floresta, esse ar, toda essa terra, que não pode estar afetando tudo e fazendo prédio em todos os lugares. Já destruíram tantos rios, tantas cachoeiras... é tudo da gente, né?

A gente só fica com a vitalidade bem se a gente tem tudo isso bem. Porque tem muita gente doente hoje, eu vejo várias doenças tanto de fora quanto de dentro, porque estão destruindo a floresta, destruindo o rio, destruindo a terra. Como aqui na aldeia Marakana: tiraram toda floresta, rio ao redor, e fizeram tudo asfalto, prédio. Mas podia ter reserva. Tem um pouco ali, mas daqui a pouco, daqui a vinte anos, o que que vai acontecer com essa floresta ali, do lado ali, que é a Quinta Boa Vista? Eles estão pretendendo uma outra coisa fazer. Então, nós temos de estar aqui preservando esse nosso ar, que é nosso. E o rio também.

[3] Essa passagem se refere a 2013, no dia em que foi realizada a violenta ação de remoção dos indígenas da aldeia Marakana, muito em função dos megaeventos que seriam realizados na cidade do Rio de Janeiro (copa e olimpíadas). Os indígenas resistiram enquanto puderam e o cacique Urutau Guajajara subiu em uma das árvores e lá ficou por muito tempo, até ser retirado à força de lá. Depois da remoção, as ocas foram derrubadas, as plantações destruídas, árvores cortadas e um estacionamento foi construído no local. A área foi retomada pelos indígenas em 2016 e lá está até hoje. Desde a retomada, muitas e novas dificuldades têm sido enfrentadas: a vigilância do Estado, a manta de asfalto que cobriu toda a área da Aldeia, a falta de água e de energia elétrica, foram e são, ainda, alguns exemplos.

O meu pai é Krykati, minha mãe é Guajajara. Eu e minha mãe fomos morar com os Krykati, na época a gente não poderia morar tudo junto, que são línguas diferentes. A minha vó, da parte de pai, ela fazia uma pescaria uma vez por ano. Então ela preservava toda aquela lagoa, que se enchia pela água do rio que entrava pra dentro da lagoa. E aí vinham os peixes, vinha tudo, só que tinha a vez no ano certinha pra pescar. E aí juntava todo mundo da comunidade pra fazer aquela pescaria. Então é uma tradição da minha vó. Então ninguém podia pescar de noite nessa lagoa, nem de dia, nem escondido, que ela ficava tomando conta dessa lagoa pra gente pescar todo mundo junto. Aí os peixes estavam grandes e a gente fazia uma grande festa. Todo mundo pescava. Todo mundo comia ali. E essa pescaria, depois que ela foi, acabou.

Meu pai continuou a pescaria, só que aí ele foi também, e aí ficamos sem essa pescaria. Assim vai acabando algumas coisas que você tem, que são tão importantes pra nós indígenas. Essa brincadeira era uma tradição mesmo, daquele local, daquele momento. E a ancestralidade estava ali, ela contava as histórias dos encantados que não deixavam mexer com a água, com o rio, porque eles iam fazer alguma coisa. Então todo mundo respeitava, entendeu? E é isso, os encantados daquele local, os encantados do rio, encantados da lagoa. Existia essa lagoa que a minha avó preservava e que hoje não existe mais. Ela se foi e quebrou o encanto. Quando ela se foi, meu pai continuou, só que, logo em seguida, não demorou muito ele se foi também e aí acabou o encanto da lagoa. Essa lagoa enchia de peixe, era muito peixe! Era muita história pra toda comunidade. E a lagoa secou. Todos os encantados ali faziam parte daquela lagoa.

As pessoas iam, mas não conseguiam pescar escondido, porque viam os encantados e corriam, saíam correndo! Eram umas histórias assim, muito bonitas, da lagoa, que acabou depois que o meu pai se foi, porque ninguém manteve os encantados ali naquele local. Não respeitaram, aí os encantados saíram, entendeu? Meus irmãos ficaram lá, mas é muito difícil quando os mais velhos se vão, pra outros respeitarem. Os mais velhos se foram, minha avó e meu pai, que cuidavam daquele local e meus irmãos ainda eram jovens. Ao redor da aldeia começaram a usar a terra pra criação de boi e capim. Destruíram cocais, cipoais que existiam ao redor da aldeia e os rios e igarapés também.

E isso tudo é ancestralidade que a gente fazia. Passeios no rio, passeios nos igarapés, passeios na lagoa... Vem a destruição e acaba com isso. Acaba com as árvores, acaba com o cipozal, acaba com a unha de gato. É unha de gato justamente porque era fechado, entendeu? Aí foi tudo cortado, os cocais, o coco babaçu que é de onde vem o azeite, de onde vem o óleo, onde vem o leite. Então tudo é daquele local.

Esse aldeamento é banhado por dois grandes rios: o rio Itapecuru e o Rio-Mirim. Com a perda da grande protetora e com a perda do protetor, que é o segundo, ficou com os mais jovens, que não cuidaram tanto quanto os mais velhos cuidavam, porque os mais velhos tinham experiência maior sobre toda a proteção do local. Muita coisa mudou. Eu acho que a gente tem que cuidar, não só nós indígenas. Porque os encantados também cuidam do local. Eles fazem parte do local, são a cura do local. Por isso eu quero que exista esse local porque eles estão aqui também tomando conta. E a gente também tem que cuidar do local justamente pra eles ficarem bem, também cuidando.

Eles cuidam da gente, mas a gente também tem que cuidar. Os encantados só cuidam de quem tá cuidando do local. Tanto é que a gente já teve várias provas aqui, dos encantados. Eles não ficam com pessoas que não estão protegendo o local. Os encantados eles falam e eles dizem que se as pessoas estão protegendo o local, eles vão ficar. Os encantados do local são muitos. São os *tamui* que já se foram e falam muito mais forte porque eles tã nas plantas, eles tã nos pássaros, eles tã na terra, eles falam. Então quando você pega uma planta pra preparar um uma medicina, na verdade, tu tá pegando um encantado, um ancestral. E tem que pedir licença.

O meu pai era muito guerreiro, era muita luta. Temos ele vivo dentro da gente. Ele foi uma grande liderança. Meu pai morreu muito novo e aí vim morar com a minha mãe, a gente voltou de novo pros Guajajara. Tive dez irmãos e a gente mesmo teve que cuidar um do outro, a gente pescava, a gente cuidava, porque a minha mãe não dava conta, tinha muitos filhos pequenos. Até por isso que alguns tiveram que sair pra estudar, outros tiveram que sair pra trabalhar, mas assim, sempre unido, sempre junto. A minha aldeia é a Unha de Gato, que é no Maranhão. A cidade mais próxima é Pirapemas. A aldeia era bem distante da cidade. Vim conhecer a cidade bem, bem já grande. E aí a gente ficava muito dentro da aldeia mesmo, sem luz. A água era rio, muito rio, e hoje já está tudo destruído lá. É uma tristeza, tinha muita cachoeira e poços encantados e hoje também está destruído e assim, tudo que eu vivi quando era criança, hoje meus filhos, meus netos, no futuro, não vão viver isso que eu vivi, entendeu? Brincando no rio, atravessando no rio de um lado pra outro nas plantas, elas se cruzavam uma na outra.

A gente atravessava nelas, não precisava de barquinho, mas a gente fazia de brincadeira, barquinho de bambu, daquele bambu leve pra atravessar. Só que a gente atravessava nas plantas, porque era uma cruzada na outra, era um cipozal, que hoje não existe mais. Entendeu? Hoje cortaram tudo, hoje é fazenda, hoje é boi, essa coisa toda ao redor dos rios.

E aí destruíram o rio, o rio hoje não é mais o que era. Ele vinha pertinho da minha aldeia. Agora não chega mais perto. Tinha uns igarapés que enchiam e que a gente atravessava assim: cortava os paus e a gente atravessava nos igarapés. E hoje não existe mais. Então a pescaria muda, tudo muda. A gente lavava a roupa, aos domingos, ficava o dia todo pescando, pegando peixe, lavando roupa, comia mesmo na beira do rio. Levava farinha, a comida típica dos Guajajara é farinha e peixe assado, carne assada, essas coisas todas. Então, isso que eu vivi quando era criança, meus filhos, outras crianças que estão lá, não vivem mais, é diferente, entendeu? Tem a mandioca, tem a farinha, tem ainda muita fruta, mas por época. A farinha ainda continua porque eles fazem.

Quando eu vou pra lá eu vou pescar mas é diferente o rio, está muito sujo, está destruído. Mas aí tem a farinha que a gente ainda faz até hoje que é através da mandioca. Quando eu vou pra lá eu faço questão de fazer com eles, da mandioca. Eu era a melhor pescadeira. Eu ajudava muito a minha mãe, então eu pescava muito. Quando eu via ela triste, eu dizia assim: pode ficar aí que eu vou pescar e vou trazer já o peixe limpo e a senhora não vai ter trabalho de limpar só de fazer pras crianças. Eu tinha muitos sobrinhos também, da minha irmã, ela tinha quinze filhos, então assim, vivia com muita gente mesmo. E aqui eu continuo, não acho tão anormal porque minha família era muito grande; é ainda, mas alguns já casaram, outros já mudaram, outros estudaram e aí tem pouca gente, não tanta gente na aldeia mais.

Quando eu penso em tudo que já vivi, tudo que tu já presenciei fica o sentimento de tristeza, porque, assim, a gente está aqui pra lutar, mas a gente não consegue, é muita coisa. Lá a gente não quer essa destruição. Aqui também não. Então, assim, a gente não consegue sozinho, tem que ser muita gente mesmo lutando contra a destruição da floresta e do rio.

Meu desejo é que meus filhos, meus netos e outras crianças e outros *tamui*, não passem pelo que a gente passou. Meus avós foram mortos também. Então, assim, que a gente não continue com isso. Esse preconceito... nem digo que é preconceito, eu acho que é racismo também, tudo isso contra nós indígenas, e que é muito grande mas não é visto. A gente quer que acabe mas é difícil porque aonde você vai você vê que tem sempre alguém falando sobre nós ou pra nós. Isso é muito ruim. Essa visão até hoje, com tanta informação que tem, e aí as pessoas não tem noção do que eles estão falando e do quanto vai te ferir, entendeu? De dizer: “ah, você é sujo”, ou “eu não vou ficar perto de você porque você está com a mão suja” sendo que é sempre uma pintura e o jenipapo.

Grafismo da etnia Xikrin que representa o Jabuti (*Kapran*)

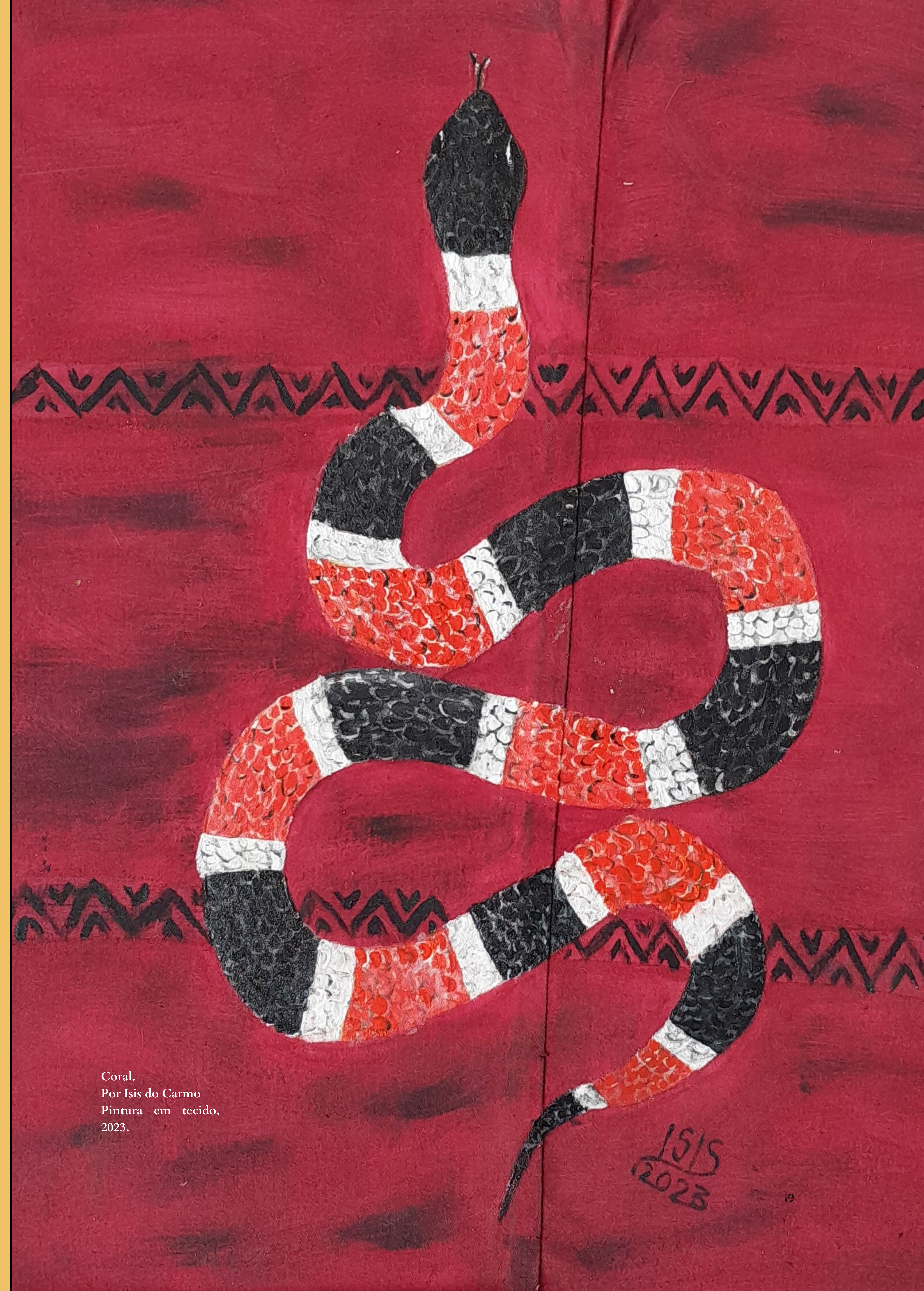
Isso é muito ruim pra gente, entendeu? E esse racismo sobre nós indígenas é muito difícil de passar sempre por ele. Então, o que eu gostaria que acontecesse era isso, que não houvesse racismo. Que melhorasse, com esse governo agora que está aí, e que meus filhos, meus netos e todas as crianças que estão aí não passem pelo que os meus avós, tataravós passaram e que eu passo até hoje.

A gente é um espaço do lado do Maracana [4] que não tem água. Quer dizer, agora a gente conseguiu um poço, mas não tem luz. Eu falei que eu vou fazer um livro só da água. A água dá um livro, né? A história da água depois a gente coloca. É muita história da água.

A gente tem muitos apoiadores, professores e alunos, mas ainda não somos vistos como temos que ser vistos. Aqui tem criança, tinha muito mais criança, mas, às vezes, as pessoas não conseguem ficar muito tempo aqui, mas aí a gente respeita porque os indígenas, eles vivem dentro da floresta com água, mas sem água não vive. Eles tiraram tudo isso da gente, por mais de quatro anos sem nenhuma água, nada aqui na aldeia e a gente conseguiu na resistência sobreviver, com várias outras etnias e a gente a frente disso. Mas não é fácil. A gente quer a mudança. Pra isso que a gente passa aqui, a gente quer mudança. E não é possível daqui mais dez anos, mais quinhentos anos de luta e as crianças não conseguem escola, a gente não conseguir botar o filho rápido na universidade. Tu passa por todo um processo: você é indígena, você não é, você é indígena, você não é. Então, assim, a gente passa por muito massacre, aí chega dentro da universidade, o meu filho, a minha filha e outros jovens que passaram por todo o massacre, ainda ouvir isso dentro da universidade, o que não deveriam ouvir, é muito ruim.

Katu haw. Katu ahy.

[4] O Estádio Maracanã, que fica no bairro de mesmo nome, ao lado da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) que, inclusive, foi construída em cima de onde era um cemitério indígena.



Coral.
Por Isis do Carmo
Pintura em tecido,
2023.